

## ENSINO PÚBLICO NO PARÁ:

### Os desafios da educação e a cibercultura no período contemporâneo

Ana Karoline FIGUEIREDO<sup>1</sup>  
Jobson Machado de SOUZA<sup>2</sup>  
Enderson OLIVEIRA<sup>3</sup>

#### RESUMO

Este trabalho discute os desafios da educação pública do Pará, em especial entre estudantes de Ensino Médio da capital Belém. Mesmo próximos ao ciberespaço e inseridos na chamada cibercultura, muitos alunos ainda sofrem pela falta de informação por meio de seus gestores escolares que, baseados em motivos políticos e mesmo pessoais, se negam a divulgar informações sobre programações acadêmicas e culturais e outras formas de incentivos aos alunos. Por outro lado, diferente da realidade desses estudantes vemos outras instituições - públicas e privadas - que possuem uma rotina de divulgação e promoção educacional, comunitária e cultural totalmente diversa, fomentando maior interesse e complementando uma cadeia de comunicação que leva em conta a entrega de informações aos estudantes.

**Palavras-chave:** educação; Belém; cibercultura; política; comunicação.

#### Considerações iniciais

Paulo cursa o Ensino Médio na rede estadual de ensino público do Estado do Pará e sonha em ser aprovado no curso de Medicina para poder proporcionar aos seus pais melhores condições financeiras e realizar seus sonhos materiais de ter uma boa casa, um carro e fazer muitas viagens. Esforçado, para isto estuda muitas horas por dia sobre todos os assuntos passados por seus professores. Atento às novidades tecnológicas e as mudanças sociais na contemporaneidade, acredita que o tempo em sala de aula é pouco para aprofundar os conteúdos e aproveita o acesso que tem à internet para buscar mais informações e transformá-

---

<sup>1</sup> Graduanda em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, pela Faculdade Estácio do Pará e servidora da Secretaria de Educação do Estado do Pará. E-mail: ana\_karolinefigueiredo@hotmail.com.

<sup>2</sup> Graduando em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, pela Faculdade Estácio do Pará e analista de marketing digital da Agência Plugue Web. E-mail: jobson.w.machado@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Graduado em Comunicação Social (Jornalismo). Mestre em Ciências Sociais (Antropologia). Professor na Faculdade Estácio do Pará. E-mail: enderson.oliveira12@gmail.com.

las em conhecimento útil para ser utilizado nas provas do vestibular e para sua vida.

Neste panorama, contribui ainda o novo modelo avaliativo das universidades, que tem como características trabalhar contextualização e atualidades e, também por isso, Paulo sempre lê jornais, assiste noticiários e se pergunta de que forma o que ele tem aprendido na escola pode ser aplicado no cotidiano.

Certo dia, conversando com um amigo que estuda em uma escola privada de Belém, Paulo descobriu que o Governo do Estado e algumas instituições promovem “aulões”<sup>4</sup> gratuitos aos finais de semana. O jovem resolveu então pesquisar sobre as programações que iriam acontecer na cidade as quais seriam gratuitas ou com preço acessível.

Para sua surpresa, existem muitas palestras, oficinas, aulas, cursos, exposições, concertos, exibições cinematográficas e passeios guiados que tinham custo zero para os alunos da rede estadual de ensino público. Diante disto, ele se questionou por que não tinha acesso a essas informações quando ele e seus colegas da escola seriam os mais beneficiados com tais programações.

O estudante decidiu fazer uma busca pelo *Facebook* por alguma página que divulgasse essas informações. A priori procurou pelo nome da instituição que estuda, mas não obteve nenhum resultado. Buscou então a página da Secretaria de Educação do Estado do Pará (Seduc) e lá existiam apenas informações de atividades realizadas pela própria secretaria, sem nenhuma divulgação de oportunidades externas. Ou seja: Paulo seguiu sem as informações que precisava.

A história do “personagem” Paulo é icônica e pode representar centenas de estudantes dos 403.720<sup>5</sup> alunos do Ensino Médio das escolas públicas que tem o sonho de alcançar uma vaga no Ensino Superior. Alunos que, apesar de muitas vezes terem condições limitadas pela baixa renda, buscam intensamente por alternativas que lhes impulsionem na corrida contra seus concorrentes nos processos seletivos para as faculdades e universidades. Em um mundo que tem como base a informação e onde boa parte da população tem acesso à internet e verifica frequentemente as redes sociais, é de grande importância que as escolas acompanhem os alunos e proporcionem a potencialização de informação e experiências.

Neste trabalho, discutimos este cenário educacional e sua relação com a cibercultura e, indo além, de que maneira ele pode influenciar a difusão de informação nas escolas.

---

<sup>4</sup> Aulas com várias disciplinas, voltadas para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e vestibulares, que duram um dia inteiro.

<sup>5</sup> Segundo a diretoria do Ensino Médio da SEDUC, em consulta feita em abril de 2017.

Analisamos ainda alguns fatores que podem ser compreendidos como “ruídos comunicacionais”, muitas vezes resultados da resistência de gestores escolares às mudanças culturais e tecnológicas do período contemporâneo.

## A educação pública no Pará

A Secretaria Estadual de Educação do Pará (Seduc) possui vinte Unidades Regionais (URES), que foram criadas com o objetivo de descentralizar a gestão das escolas, o que antes funcionava apenas na sede da Seduc. Com a mudança, a gestão pode ter uma relação mais próxima das escolas. A estratégia é necessária, visto que, para se ter uma ideia, somente em Belém, capital do Estado, a URE 19 no ano de 2016 abrangia cinco municípios, com 349 escolas<sup>6</sup>.

A referida URE possui ainda 20 Unidades Seduc na Escola (USES)<sup>7</sup>. Neste artigo, analisamos principalmente USE 11, responsável por administrar 21 escolas, dentre as quais sete são de Ensino Médio, como a de Paulo. Todas estão localizadas ao longo da avenida Augusto Montenegro, que liga Belém a região metropolitana, passando por bairros como Coqueiro, Parque Verde, Mangueirão até chegar ao Distrito de Icoaraci. É através delas que discutimos a participação dessas escolas no ambiente *online* e sua interatividade com seu público alvo.

No infográfico a seguir, temos um panorama mais completo sobre a relação das escolas e sua presença e posicionamento no ciberespaço:

---

<sup>6</sup> De acordo com dados disponíveis no site da Seduc <<http://www.seduc.pa.gov.br/site/seduc>>. Acesso em 2 de abril de 2017.

<sup>7</sup> Segundo a Instrução Normativa Nº 01 DE 20-04-05 um dos deveres da USE é “fomentar a integração da escola com os pais de alunos e a comunidade, articulando junto com a direção ações buscando a gestão compartilhada e a inserção da escola no contexto social”.

# CONECTIVIDADE DAS ESCOLAS

DADOS ESTATÍSTICOS DE 21 ESCOLAS INTEGRANTES DA USE11.

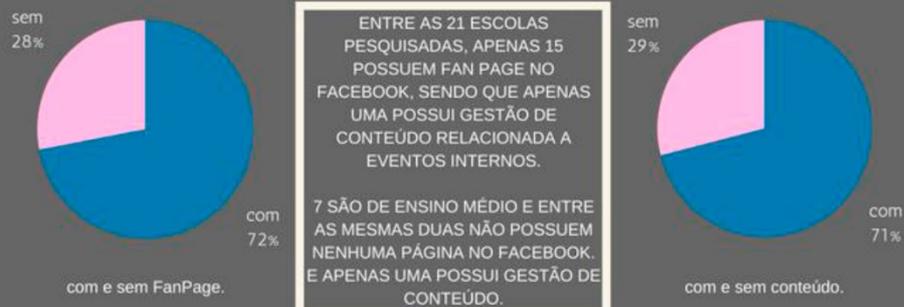
## REDES PESQUISADAS:

FACEBOOK  BLOGSPOT  INSTAGRAM 

## GRAUS DE ENSINO E SUAS REDES:



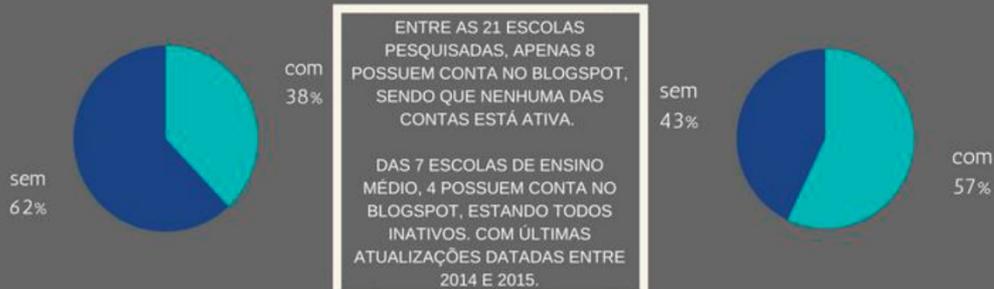
## ESCOLAS COM PÁGINA NO FACEBOOK.



## ESCOLAS COM PERFIL NO INSTAGRAM.

NENHUMA DAS ESCOLAS PESQUISADAS POSSUEM PERFIS ATIVOS OU INATIVOS NO INSTAGRAM.

## ESCOLAS COM BLOGSPOT.



PESQUISADA ELABORADA POR JOBSON MACHADO DE SOUZA E ANA KAROLINE FIGUEIREDO

Imagem 01. Infográfico sobre a participação das escolas públicas no ciberespaço.

Através das pesquisas realizadas nas redes sociais pudemos perceber que muitas escolas da USE 11 até tentaram entrar no ciberespaço, porém com a falta de gestão de conteúdo não puderam manter um perfil ativo. Como o foco desse artigo é os alunos de ensino médio parte dos infográficos esta destinado a mostrar as 7 escolas que atendem esses alunos.

### **A educação em tempos de cibercultura**

O comportamento de Paulo, comum entre milhões de pessoas atualmente, pode ser discutido e compreendido se levarmos em conta algumas categorias e conceitos de Cibercultura e Ciberespaço, em especial a partir dos estudos feitos por Pierre Lévy. Para o pesquisador francês,

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 17)

Propondo o diálogo entre tais conceitos e a rotina de Paulo, devemos notar que Lévy explica que o ciberespaço é mais do que a simples conexão entre computadores, mas também um novo ambiente a qual estamos submersos; esse novo ambiente é cercado de informação e todos nós temos acesso a essa e por nossa vez também criamos conteúdo e mais importação (LÉVY, 1999, p. 17).

Indo além, cibercultura pode ser compreendida como um ciclo composto pelo que trazemos e agregamos ao ciberespaço, nossas formas de agir nas redes, de pensar sobre situações que acontecem a partir de nossas “navegações” pela internet, pesquisas e vivências nesse ambiente de informação. Essa nova relação de cibercultura e ciberespaço agrega à geração de Paulo, contemporânea, a característica de pessoas que vivem ligadas de algum modo ao constante compartilhamento de informações, em que todos são potencialmente produtores e receptores de conteúdo.

A esta construção de conhecimentos Pierre Lévy chama “inteligência coletiva” (1999), que por sua vez surgiu da iniciativa espontânea de pessoas que queriam passar informações para outras com fim de causar um bem coletivo. A inteligência coletiva é uma ação concreta e sua relação com o ciberespaço e a cibercultura é dada por conta de suas conexões. Uma pessoa pode gerar um conteúdo ou abordar um assunto em suas mídias digitais e outras pessoas podem acesso ao que foi publicado e vice versa. Jovens como Paulo já lidam naturalmente com essa interatividade e acessibilidade a informação, mas não percebe o mesmo nas mídias da escola em que estuda.

Apesar da visão positiva, devemos notar também que a inteligência coletiva possui seus aspectos de exclusão, em especial a quem não usufruir da mesma e não consegue acompanhar suas mudanças e seu mar de informações.

Além disso, nos casos em que processos de inteligência coletiva desenvolvem - se de forma eficaz graças ao ciberespaço, um de seus principais efeitos é o de acelerar cada vez mais o ritmo de alteração tecnosocial, o que torna ainda mais necessária a participação ativa na cibercultura, se não quisermos ficar para trás, e tende a excluir de maneira mais radical ainda aqueles que não entraram no ciclo positivo da alteração, de sua compreensão e apropriação. (LÉVY, 1999, p. 28)

Levando em conta a trajetória de Paulo e mesmo outros colegas seus, é possível afirmar que não possuem acesso àquelas informações que estavam (deveriam estar) ao dispor deles. Apesar de Paulo conseguir acesso a essa informação, ele também se viu excluído por conta de sua instituição de ensino não cumprir com tal papel de passar essa mensagem a ele, quebrando então toda uma cadeia de comunicação que seria benéfica a todos.

Na Web 2.0 quem não está conectado e exercendo sua inteligência coletiva tende a ficar para trás, ou seja, a exclusão da qual Paulo passou por não possuir tais informações era real e afirmada por Tim O’Reilly, criador do termo, em uma entrevista, “Web 2.0 significa usar a inteligência colectiva” (Bergman, 2007, s/p), o que significa que se nem Paulo e nem a turma dele tinha conhecimento dos cursos então eles estavam fora da web 2.0, não estavam interagindo com essa informação e não estavam a praticar sua inteligência coletiva.

Corroborando com os parágrafos anteriores, a Web 2.0 é um admirável veículo para o crescimento e desenvolvimento de um número de aprendizes” (Ferreira, 2007,

p. 246) e no momento em que a escola se recusa a desenvolver esse aprendizado, percebe-se então o que Pierre Lévy chama de “sensação de impacto” (1997, pág. 27), em que a velocidade da transformação causa estranheza nas pessoas que não conseguem compreender os benefícios da cibercultura e por isso existe certa resistência por parte dos diretores e professores das escolas em mergulhar nesse novo universo que pode contribuir para melhorias na educação estadual. O processo, como se vê, é pedagógico, comunicacional e também político.

### **A escola e a política**

É curioso notar que a resistência dos educadores e gestores das escolas da USE 11 muitas vezes parte do receio de terminar colaborando ou mesmo fortalecendo o papel do atual Governo do Estado do Pará. Não é raro ouvir a afirmação “Não irei fazer campanha para político”<sup>8</sup>, usada para justificar do ponto de vista dos servidores a não busca maior convergência entre escola e meios digitais – o que fortaleceria então as ações do governo e ao mesmo tempo beneficiaria aos estudantes maior alcance de conteúdos e atividades.

Observando o contexto social em que não apenas estas pessoas estão inseridas, mas também grande parte da população, a compreensão de política ainda segue confusa ou mesmo desconhecida, se resumindo a candidatos, partidos e lados a serem escolhidos. Perde-se assim a essência da palavra, que vem grego *politiká*, uma derivação de *polis* que designa aquilo que é público. Para Aristóteles (1991), a Política era a ciência suprema, que deveria resultar da conduta virtuosa (ética e moralmente) dos sujeitos que, em conjunto, deveriam buscar a sabedoria e o conhecimento para, assim, crescer de forma mais ampla e completa, evitando então disputas pelo poder.

Levando isto em conta, é importante notar que a escola, que tem como objetivo educar e formar cidadãos, e a Seduc, em especial, tem como missão “ser referência em educação pública de excelência na região Amazônica”, podem estar pecando em seu papel quando permitem um discurso de resistência por questões partidárias.

Foucault discute essa participação da educação de forma conflituosa na seguinte

---

<sup>8</sup> A situação descrita é real, porém não serão citados nomes para proteger a identidade dos servidores.

afirmativa:

Sabe-se que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todos indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo (FOUCAULT, 1970, p. 41).

Através da observação dos discursos conseguimos perceber que parte da resistência está ligada a motivos pessoais. A necessidade de Paulo e tantos outros alunos que se veem na mesma situação não é levada em consideração. A resistência à cibercultura está além da estranheza pela tecnologia, mas em parte enraizada em ideias pessoais que muitos assumiram como verdade.

Em uma analogia com o mito da caverna de Platão, para grande parte dos professores e diretores, trazer seus alunos “à luz” (ou levá-la até eles) das informações ou compartilhar seus sucessos através das redes sociais é promover de algum modo o governo ou figuras do poder público, o que não deve ser feito. A cadeia de comunicação é então quebrada; alunos que poderiam ser beneficiados não o são.

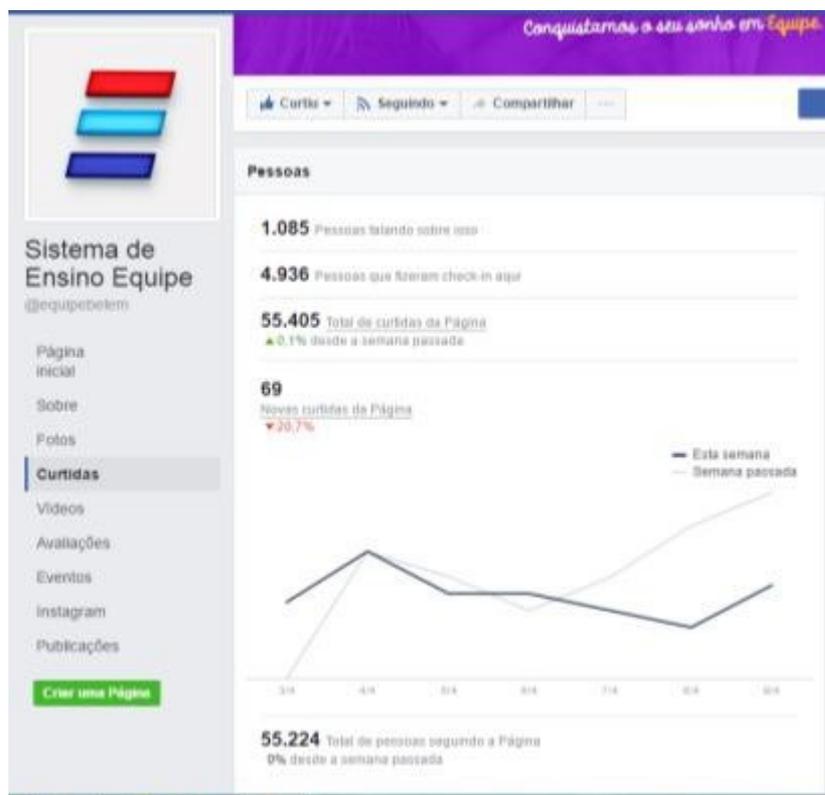
### **Novas plataformas, novas possibilidades na educação**

Para compreender melhor a situação de Paulo e, ao mesmo tempo, vislumbrar algumas possibilidades sobre a produção de conteúdo bem como divulgação de atividades, vamos analisar como uma instituição de ensino privado mantém uma relação de interatividade ativa com seus *stakeholders*<sup>9</sup>. A escola em questão é o Sistema de Ensino Equipe, fundado em 2004, que conta com três unidades: Belém, Ananindeua e Canaã dos Carajás. Nesta análise e comparação, levamos em conta apenas a página no Facebook da sede da capital, Belém.

Diferente das escolas pesquisadas que não haviam gestão de conteúdo, o Equipe possui páginas ativas, com atualizações diárias e semanais. Não à toa possui mais de 55 mil curtidas, com grande índice de interações. como podemos ver:

---

<sup>9</sup> Público estratégico, um grupo que tem interesse em uma empresa, negócio ou instituição.



**Imagem 02.** Captura de tela das curtidas da página do Colégio Equipe no Facebook.

Observamos também que além de alto número de curtidas, a fanpage possui alto alcance de postagens e aumento de curtidas constante. Para isto muito contribui a gestão de conteúdo da página, que apresenta tanto de informes quanto de conteúdo educacional “extraclasse”, mantendo assim sua página ativa e mantendo um relacionamento com seus alunos.



**Imagens 03, 04 e 05.** Captura de tela de postagens da página do Colégio Equipe no Facebook.

As três publicações acima são recentes e variam entre uma discussão extraclasse que agrega valor à instituição, atuando como estratégia de marketing digital; outro sobre compartilhamento de conhecimento, uma estratégia de inteligência coletiva nítida; E, por último uma lembrança da qualidade de ensino e aprovação dos estudantes no curso mais concorrido entre todas as universidades de Belém.

Isto colabora para o posicionamento da marca em um mercado concorrido como o da capital paraense. Segundo Kotler “Todas as empresas lutam para estabelecer uma marca sólida – ou seja, uma imagem de marca forte e favorável.” (KOTLER, 2000, p.33) e essa busca por um lugar na mente do público é o que move as buscas por estratégias eficientes.

Além da página, a instituição também tem um site com notícias e informes bem

organizados e planejados, o que facilita a busca por informações e mostra diferencial entre outras escolas particulares e públicas que se contentam apenas com página no Facebook (quando possuem).



**Imagem 06.** Captura de tela da página inicial do site do Colégio Equipe.

A partir dos *posts* e do site, podemos avaliar que o Sistema de ensino Equipe aproveita as oportunidades de mercado e está interagindo nesse cenário Web 2.0 o qual a inteligência coletiva é de suma importância, assim deixando nítida sua presença no mercado e reforçando seu posicionamento.

Indo além, talvez um bom exemplo para a USE aqui analisada esteja dentro de outra secretaria do Governo: a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade (SEMAS), que se destaca pela recente mudança em sua forma de produzir conteúdo, em especial com a criação do “Minuto SEMAS” que através de vídeos curtos e com linguagem fácil, a secretaria possa passar informação para a população as principais notícias. Em uma sociedade dinâmica e que muitas vezes busca a informação de maneira prática, rápida e interativa a proposta dos vídeos tem boa recepção da população, o que certamente agradaria Paulo e seus colegas.



**Imagem 07.** Captura de tela de postagens da página da Semas no Facebook.

A SEMAS busca em seus vídeos também fazer o papel educativo da Secretaria, mostrando dicas e propagando conceitos de educação ambiental. Por isso utiliza uma linguagem clara e concisa onde todos os públicos da Secretaria possam ter fácil entendimento do que está sendo tratado.

Já a USE 11 criou há pouco tempo uma página<sup>10</sup>, porém tem enfrentado dificuldades para a produção de conteúdo já que os diretores pouco informam sobre as atividades. Já foi solicitado também a divulgação dessa página para os alunos, no entanto a USE não obteve resposta das escolas, evidenciando ruídos na comunicação interna e mesmo a falta de interesse por parte de alguns diretores, como já citamos anteriormente.

## Considerações finais

Levando em consideração que o problema de Paulo é algo enfrentado por vários alunos, neste artigo, publicação inicial de um projeto mais amplo que visa ser implementar ações no que façam a “atualização” desse ciberespaço e a difusão da cibercultura no ambiente

<sup>10</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/USE11PA/>>. Acesso em 11 de abril de 2017.

escolar, observamos não somente o atual panorama da educação e tecnologia no ensino público do Estado, mas também alguns problemas intrínsecos a ele e outros de ordens diversas que terminam atrapalhando toda uma cadeia de comunicação.

A falta de informações relacionadas aos conteúdos do ensino médio e programações voltadas para alunos de escolas públicas é apresentado aqui como principal problema, problema esse causado pela resistência por parte dos diretores e professores que acaba causando vários ruídos comunicacionais. Podemos através deste estudo perceber que existe aqui uma necessidade dos alunos que não está sendo atendida, as escolas não conseguem acompanhar esse novo ritmo dos alunos, onde muitos tem a informação literalmente na mão, em uma tela de celular.

Através do ciberespaço é possível criar muitas possibilidades de interação e potencialização da comunicação interna e externa. Fazer o uso de ferramentas como YouTube, por exemplo, para divulgar vídeos com conteúdos relacionados ao vestibular. Existe também a possibilidade de criar eventos no Facebook podendo assim dar a oportunidade para que esses alunos participem. E assim cria possibilidades e relação entre tecnologia, sociedade e educação, até mesmo porque

Desde que o ser humano passou a se valer da fala, até a utilização de equipamentos móveis com acesso à rede mundial de computadores, passando pelo desenvolvimento das técnicas de impressão e pela invenção de mídias audiovisuais, toda forma de comunicação tem imposto alterações nas relações sociais, no comportamento dos indivíduos na participação dos sujeitos-comunicadores nos processos comunicacionais, na formatação de mensagens veiculadas e na elaboração de linguagens e códigos necessários para o estabelecimento do ato comunicativo. (CARDOSO, SANTOS E VARGAS, 2009, p. 19)

Apresentando estratégias para que a informação possa chegar até os alunos e assim rompendo as barreiras levantadas quanto a questões políticas e pessoais dos professores e diretores. Paulo, nosso personagem-exemplo que nos acompanhou ao longo deste panorama e deste artigo, ficaria contente com estas mudanças.

## Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção Os Pensadores. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. 4ª edição. São Paulo : Nova Cultural, 1991.

CARDOSO, João Batista; SANTOS, Roberto; VARGAS, Herom. “Inovações na linguagem e na cultura midiática. In: VARGAS, Herom; CARDOSO, João Batista; SANTOS, Roberto. **Mutações da Cultura Midiática**. São Paulo: Paulinas, 2009.

COUTINHO, Clara Pereira. **Web 2.0: uma revisão integrativa de estudos e investigações**. In: Carvalho, Ana Amélia A. (org.). Actas do Encontro sobre Web 2.0. Braga: CIEed, 2008. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8462/1/ClaraF001.pdf>>. Acesso em 23 fev. 2010.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24ª edição, São Paulo: Leituras Filosóficas, 2014.

KOTLER, Philip. **Administração de Marketing**. 10ª Edição. São Paulo: Prentice Hall, 2000. LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.